

DIÁRIO DE BORDO

UMA REDE NACIONAL DE PESQUISA PARA O CAMPO

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) e embaixador especial da FAO para as Cooperativas

EMBORA NÃO represente um grande acontecimento político, o noticiário sobre a mudança na direção da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) ganhou destaque recentemente, seja pela grandeza da instituição, pelo que se espera do agronegócio brasileiro no futuro de médio e longo prazos ou pelas mudanças substanciais ocorridas no setor rural desde a constituição da empresa, há 46 anos.

Quanto ao que se espera, nunca é demais lembrar que estudos recentes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês) mostram que, em dez anos, só haverá segurança alimentar para todos os terráqueos se a oferta global de alimentos crescer 20%. E, para isso, o Brasil precisa crescer 40%, o dobro!

No que tange às mudanças no agro brasileiro, chama a atenção a crescente exigência de consumidores de todo o mundo quanto à sustentabilidade dos sistemas de produção, com ênfase para a redução do desmatamento (sobretudo da Amazônia), para um maior controle do uso de agroquímicos e para uma tendência de menor crescimento do consumo de proteína animal. Isso sem falar no cenário impressionante de inovações que vêm chegando ao agro do mundo todo: IoT, conectividade, TI, *drones*, robôs, máquinas não tripuladas, novas moléculas de defensivos agrícolas, bioeconomia, nanotecnologia, biotecnologia, bioenergia, novas vacinas e rações animais, os já superutilizados iLPF e agricultura de precisão, as *start-ups* que se multiplicam em propostas de gestão rural, para ficar apenas na superfície do tsunâmi tecnológico que se avizinha.

Tudo isso exige visão de Estado – e de estadista – quanto à atenção a ser dada à pesquisa. Existe uma oportunidade histórica para o Brasil se tornar o campeão mundial da segurança alimentar, mas isso não está dado e só acontecerá se os poderes constituídos e a sociedade derem o adequado valor às Ciências Agrárias, ampliando o apoio às instituições de pesquisa, inovação e transferência de tecnologia, o que, infelizmente, não tem acontecido nos últimos anos. Ao contrário, o que se observa é um certo descaso quanto a muitas organizações científicas do País, como o Instituto Agronômico (IAC), instituição de pesquisa mais do que centenária que gerou variedades de café, laranja, algodão, milho, amendoim, cana-de-açúcar e tantas outras cultivadas, que, por décadas, dominaram o cenário do agro nacional, antes do advento da soja.

O próprio Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária (SNPA), criado quase simultaneamente à Embrapa com o objetivo de coordenar as inovações para evitar gastos duplicados e integrar os resultados, está esgotado. Portanto, o que realmente importa, agora, não é apenas mudar a direção da Embrapa: é levar para o seu comando gente capaz de renovar esse modelo, com o olhar nas profundas mudanças vividas pelo setor, e constituir uma verdadeira Rede Nacional de Pesquisas Agrárias, sob a coordenação efetiva da Embrapa, mas reunindo, também, as instituições estaduais de pesquisa, universidades públicas e privadas e, até mesmo, empresas que se empenham na geração de ciência para o agronegócio.

Ainda somos os grandes líderes da agropecuária tropical, mas corremos o risco de perder esse galardão e, com ele, a chance de sermos os campeões mundiais da paz, visto que, só com segurança alimentar para todo mundo, será possível obter a paz universal. ■

Estudos da OCDE e do USDA mostram que, em dez anos, só haverá segurança alimentar se a oferta global de alimentos crescer 20%. Essa pode ser uma oportunidade histórica para o Brasil.